
A Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 sob a Perspectiva do Modelo Triple Bottom Line¹

Roberta Ferreira BRONDANI²

José Carlos MARQUES³

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

Em 2016 os Jogos Olímpicos foram realizados no Brasil dando grande ênfase às práticas sustentáveis e às possibilidades de legado que o megaevento deixaria para a capital carioca e para o país como um todo. O portal Sustentabilidade, criado pelo Comitê Olímpico Brasileiro, apresentava as ações que seriam realizadas nesta área, demonstrando a importância da temática para os organizadores, fato que foi reforçado durante a Cerimônia de Abertura dos Jogos Rio 2016. Sendo assim, este artigo tem o objetivo de analisar como as ações das áreas ambiental, social e econômica, estiveram presentes na cerimônia de abertura deste megaevento. Como metodologia foi realizada a análise do conteúdo da transmissão televisiva feita pela emissora Rede Globo, em 05 de agosto de 2016.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos, Sustentabilidade, *Triplo Bottom Line*.

1. Introdução

Durante a organização e realização dos Jogos Olímpicos Rio 2016 a comunicação, seja ela institucional, corporativa, empresarial ou mercadológica, foi amplamente utilizada a fim de manter o Brasil e o mundo informados sobre a organização deste megaevento, fazendo com que todos os seus *stakeholders* se sentissem parte do evento devido à diversidade de meios e formas de divulgação que foram aplicadas. Sendo um megaevento organizado por uma instituição sem fins lucrativos, porém com práticas de mercado, que tinha como seu produto principal o

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação na Unesp/Bauru, Mestre em Comunicação pela Unesp/Bauru, Especialista em Marketing, Comunicação e Negócios e Docente do UNIVEM – Centro Universitário Eurípedes de Marília (SP). E-mail: robertaferreirabrondani@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp/Bauru e do Departamento de Ciências Humanas da mesma instituição. E-mail: zeca.marques@uol.com.br.

esporte, a comunicação corporativa foi adotada por sua contribuição no processo de concepção e manutenção de uma imagem e por auxiliar na implantação de processos contínuos de discussão das melhores práticas empresariais, como a análise do impacto de decisões nos diferentes públicos, e a avaliação dos sucessos, falhas e ideias. Tendo em vista, principalmente, que o cenário político e econômico não era favorável à realização do megaevento era necessário criar estratégias de comunicação e marketing para melhorar a imagem do país dentro e fora dos seus limites vendendo a ideia de que “O Rio de Janeiro continua lindo” e garantindo que os jogos pudessem ser realizados com sucesso.

As ações de comunicação embora fossem direcionadas para cada público tinham como conteúdo principal os conceitos de sustentabilidade. Para todos os *stakeholders* a mensagem de que os jogos Rio 2016 seriam um catalisador de mudanças e que cada um poderia contribuir de alguma forma para que esta mudança ocorresse foi o ponto principal da campanha.

Desde 2009 construímos nossa relação com a sustentabilidade para que ela esteja presente em cada detalhe da organização dos Jogos. Das medalhas aos alimentos servidos, dos uniformes dos voluntários ao transporte dos atletas, passando pela identidade visual, pelas instalações temporárias e pelo revezamento da tocha. Por isso, para nós, cada passo conta. Amadurecemos internamente as práticas de sustentabilidade para que pudéssemos dar um passo adiante e usar a força dos Jogos para impulsioná-las em diversos setores da economia. Optamos por trabalhar a sustentabilidade junto a nossos parceiros e fornecedores porque sabemos que só entregaremos Jogos sustentáveis se todos jogarem juntos. Pensamos também na mudança que os Jogos podem provocar nas pessoas. A inspiração para parar, pensar e mudar a forma como fazemos as coisas simples do nosso cotidiano é o que nos faz colocar a roda em movimento. Cada escolha faz diferença e é essa história que estamos escrevendo. (RAS, 2015, p.03)

As ações de comunicação do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Rio 2016 foram baseadas em um conceito mais abrangente de sustentabilidade, ou seja, o modelo *Triple Bottom Line* criado pelo inglês *John Elkington* e que se tornou conhecido com a publicação do livro *Cannibals: the triple bootm line of 21st century business, em 1997*, que envolve a análise das áreas ambiental, social e econômica e foram divulgadas no site oficial e na mídia em geral durante a organização e realização dos jogos. Embora, seja possível perceber a preocupação do comitê em divulgar informações sobre outras temáticas, o destaque da comunicação foi para a área ambiental, seja pela diversidade de material produzido sobre o assunto, seja pela

quantidade de imagens usada para ilustrar os materiais. O portal Sustentabilidade, criado pelo Comitê Olímpico Brasileiro, apresentava as ações que seriam realizadas nesta área, demonstrando a importância da temática para os organizadores, fato que foi reforçado durante a transmissão da Cerimônia de Abertura dos Jogos Rio 2016.

Sendo assim, este artigo tem o objetivo de analisar como as ações das áreas ambiental, social e econômica, estiveram presentes na cerimônia de abertura do megaevento. Para isso, como metodologia foi realizada a análise do conteúdo da transmissão televisiva da Cerimônia de Abertura dos Jogos Rio 2016, feita pela emissora Rede Globo.

2. Sustentabilidade e o Modelo *Triple Bottom Line*

O conceito de sustentabilidade originou-se a partir da definição de desenvolvimento sustentável apresentada durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92). Onde, por meio do relatório Nosso Futuro Comum, publicado pela Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, em 1987, Desenvolvimento Sustentável seria “*aquele que busca atender as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades*”. Em 2002, durante a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, que aconteceu em Johannesburgo, o conceito foi alterado para: “*O desenvolvimento sustentável procura a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes do mundo sem aumentar o uso de recursos naturais além da capacidade da Terra.*” Como explica Mikhailova (2004, p. 27),

o conceito atual de desenvolvimento sustentável, que foi expresso na Cúpula Mundial em 2002, envolve a definição mais concreta do objetivo de desenvolvimento atual (a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes) e ao mesmo tempo distingue o fator que limita tal desenvolvimento e pode prejudicar as gerações futuras (o uso de recursos naturais além da capacidade da Terra).

Para Mikhailova (2004) esta definição envolveria três áreas distintas: Crescimento e Equidade Econômica; Conversação de Recursos Naturais e do Meio Ambiente e Desenvolvimento Social. Neste sentido, a autora corrobora com Elkington (1997) criador do modelo *Triple Bottom Line* (tríplice linha de resultados líquidos), ou tripé/pilares da sustentabilidade, que considera que para que uma organização seja

sustentável é necessário atuar nas áreas econômica, ambiental e social. Áreas que também são apontadas por Nascimento (2012, p. 56) “a primeira dimensão do desenvolvimento sustentável normalmente citada é a ambiental. Ela supõe que o modelo de produção e consumo seja compatível com a base material em que se assenta a economia, como subsistema do meio natural.” A segunda dimensão apresentada pelo autor é a econômica, e “supõe o aumento da eficiência da produção e do consumo com economia crescente dos recursos naturais”, como por exemplo: fontes fósseis de energia, água e minerais. A terceira dimensão é a social, que considera que “uma sociedade sustentável supõe que todos os cidadãos tenham o mínimo necessário para uma vida digna.” Ou seja, “isso significa erradicar a pobreza e definir o padrão de desigualdade aceitável, delimitando limites mínimos e máximos de acesso a bens materiais.”.

Feil e Schreiber (2017, p. 10) apontam que “o desenvolvimento sustentável pode ser conceituado como uma estratégia utilizada em longo prazo para melhorar a qualidade de vida (bem-estar) da sociedade.” Os autores também explicam que “essa estratégia deve integrar aspectos ambientais, sociais e econômicos, em especial considerando as limitações ambientais, devido ao acesso aos recursos naturais de forma contínua e perpétua.” Já a sustentabilidade seria “um termo que expressa a preocupação com a qualidade de um sistema que diz respeito à integração indissociável (ambiental e humano), e avalia suas propriedades e características, abrangendo os aspectos ambientais, sociais e econômicos.”

Abramovay (2015, web) explica que de acordo com Veiga (2015, web) “o ponto de partida para entender o desenvolvimento sustentável é trata-lo como um valor, como “um dos mais generosos ideais da humanidade”.” O autor ainda aponta que “há um sério problema na mais consagrada definição de desenvolvimento sustentável, que consistiria em atender às necessidades da geração presente sem comprometer as chances de que as gerações futuras também o façam.”

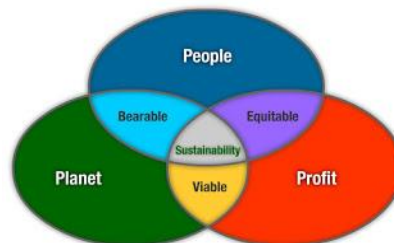
Apesar da discussão sobre seu significado e a melhor forma de criar um conceito que o represente, o termo sustentabilidade tem sido usado, frequentemente, por organizações de todos os tipos para justificar investimentos, melhorar a imagem, reputação, atrair e conquistar *stakeholders*.

Sendo assim, e considerando-se que uma sociedade sustentável seria aquela que não coloca em risco os recursos naturais – água, solo, vida vegetal, ar, dos quais

depende, o Desenvolvimento sustentável seria o “modelo de desenvolvimento que segue estes princípios.”. Na teoria, o conceito pode parecer simples, e a ideia de um mundo melhor para todos, onde homem e natureza possam interagir sem que a ação de um prejudique o outro, é desejado por governos, empresas e sociedade. Mas, a prática mostra que utilizar os recursos naturais hoje buscando preservá-los para o futuro é algo bastante complexo, justamente por que para que isso ocorra é preciso que governos, empresas e a sociedade civil trabalhem juntos em prol deste objetivo. Como afirma Barbieri e Cajazeira (2009, p. 66-67), os problemas que surgem devido ao mau uso dos recursos naturais “só podem ser resolvidos com a participação de todas as nações, governos em todas as instâncias e sociedade civil, cada um em sua área de abrangência” e as empresas possuem papel fundamental neste processo, pois “muitos problemas socioambientais foram produzidos ou estimulados por suas atividades.”.

Nascimento (2012, p. 51) explica que a noção de sustentabilidade tem duas origens. A primeira seria a biológica, relacionada à ecologia e aos recursos naturais e a segunda a econômica, caracterizada pela preocupação com a finitude destes recursos. Contudo, o conceito de sustentabilidade passou a abarcar também a esfera social, formando o *Triple Bottom Line*, (Elkington, 1997).

Figura 01: *Triple Bottom Line*



Fonte: <https://www.researchgate.net>

Para Bueno (2015, p. 54) “a sustentabilidade tem a ver com os problemas ambientais, mas não se esgota neles, muito pelo contrário. Na verdade, quem age dessa forma assume explicitamente que o meio ambiente é algo deslocado da economia, da cultura, da sociedade (...).” Barry (2006, p. 24) explica que a sustentabilidade embora, naturalmente, esteja centrada nas questões ambientais, não deve ser apenas definida pelas ações ambientais, mas deve ir além dessas ações para abranger as esferas econômicas, sociais, políticas e culturais em suas atribuições. Jacobi (1999, p. 43-44) complementa a explicação ao dizer que a noção de sustentabilidade implica “uma necessária interpelação entre justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a

necessidade de desenvolvimento com capacidade de suporte. Mas também se associa a uma premissa da garantia de sustentação econômico-financeira e institucional.”.

No entanto, Nascimento (2012) é crítico em relação a este modelo, não apenas pela diversidade de conceituação existente na literatura da área, mas, principalmente, porque este modelo limita-se apenas a estes três elementos, deixando de considerar, por exemplo, a questão do poder. Fonseca e Bursztyn (2009, p. 40) ainda alertam que “reproduzir o discurso da boa governança e da sustentabilidade não garante que o discurso tenha efeitos na prática.”. Morin (2007, p.75) apud Nascimento (2012, p. 60) “que não pertence a esse movimento, embora nutra por ele simpatia, também não poupa críticas ao Desenvolvimento Sustentável”, para ele “o desenvolvimento sustentável nada mais faz do que temperar o desenvolvimento por meio da consideração ecológica, mas sem questionar seus fundamentos”. E Jacobi (1999, p. 39) aponta que a “problemática da sustentabilidade assume, neste final de século, um papel central na reflexão em torno das dimensões do desenvolvimento e das alternativas que se configuram para garantir equidade e articular as relações entre o global e o local.”.

Ou seja, em meio a críticos e defensores a sustentabilidade tem sido utilizada muitas vezes de maneira simplista e reducionista e aos poucos tem se tornado conhecida da população por meio da mídia e de eventos que visam disseminar práticas sustentáveis, como, por exemplo, os Jogos Olímpicos Rio 2016.

3. Sustentabilidade como estratégia

Como aponta Bueno (2015) a mídia brasileira tem dedicado, ao longo dos últimos anos, espaço e tempo generosos para a temática da sustentabilidade. Para o autor (2015, p. 56) “a sustentabilidade, resgatada em seu conceito mais amplo, não se limita ao esgotamento ou preservação dos recursos naturais, mas tangencia também outras áreas, e é com esta amplitude que precisa ser trabalhada pela cobertura jornalística.” Apesar dos esforços de entidades como o Instituto Ethos, em disseminar os princípios e conceitos da responsabilidade social e sustentabilidade no meio empresarial, ainda é preciso transformar a teoria em prática para que a sustentabilidade seja mais do que uma ação de marketing com o objetivo de aumentar as vendas ou justificar investimentos. Muitas empresas se autodeclaram socialmente responsáveis e a falta de conhecimento do público muitas vezes não permite uma compreensão clara

sobre o que de fato implica esta denominação, que envolve, além do cumprimento de obrigações legais pela empresa, o seu envolvimento em ações sociais que promovam uma transformação social.

Como enfatiza Bueno (2015, p. 56) “a exemplo de outros conceitos, como o de responsabilidade social (aliás, modernamente inserido no de sustentabilidade ou de gestão socioambiental), o conceito de sustentabilidade tem sido apropriado indevidamente e utilizado como ícone para ações e estratégias de manipulação da opinião pública.”

Caldas (2015, p. 175-181) explica que com a temática ambiental cada vez mais presente na mídia e nas agendas governamentais do mundo inteiro, a criação de indicadores de sustentabilidade virou uma verdadeira obsessão, uma vez que “ser verde” melhora a imagem empresarial e, sobretudo, aumenta o consumo. A concorrência crescente no mercado corporativo tem favorecido a criação de várias ferramentas para avaliar imagem, credibilidade, reputação e sustentabilidade. Com isso, investimentos não triviais são realizados para a elaboração de indicadores de qualidade de produtos. Conforme aponta Boas (2004, p. 71) “o exagero no marketing ecológico não é o único obstáculo que se apresenta aos jornalistas e leitores que pretendem compreender os complexos bastidores da gestão ambiental.”

Como relata Boff (2012 p. 47) “no modelo padrão de desenvolvimento que se quer sustentável, o discurso da sustentabilidade é vazio e retórico.” O que faz com que, no senso popular, o conceito de sustentabilidade limite-se apenas a práticas relacionadas ao meio ambiente. Esta abordagem pode ser vista na repercussão midiática dos Jogos Olímpicos Rio 2016, pois, embora o Comitê Organizador tenha utilizado como base o modelo *Triple Bottom Line* em suas comunicações existiu, por parte da mídia, uma predominância de notícias relacionadas, principalmente, ao legado ambiental do megaevento.

4. A Sustentabilidade na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos

A cerimônia de abertura dos jogos Olímpicos Rio 2016, que aconteceu no dia 5 de agosto de 2016, no estádio do Maracanã, apresentou para o mundo um Brasil grandioso, que valoriza a diversidade de seu povo e a preocupação com o meio ambiente, reforçando o discurso apresentado pelo Comitê Olímpico no Relatório de

Sustentabilidade (2014) ao dizer que “os jogos olímpicos e paralímpicos são o evento de maior impacto visual do mundo. Sua identidade deve refletir os aspectos culturais do país anfitrião e da cidade-sede.”. Os conceitos de sustentabilidade foram evidenciados em vários momentos do megaevento: no discurso das autoridades, nas imagens utilizadas durante as apresentações, na entrega de mudas e sementes para os atletas, entre outros. A transmissão teve início com a exibição do movimento das ondas do mar ao som da música “Aquele Abraço”, de Gilberto Gil, fazendo uma homenagem ao Rio de Janeiro, por meio de imagens aéreas de práticas esportivas sendo realizadas na capital carioca, sendo sequenciada com a simbologia da cerimônia por meio da representação da gambiarra, ou seja, “a capacidade de se sair do nada para se conseguir tudo”, com a utilização de papel laminado os voluntários formavam figuras que faziam referência a artistas famosos.

Figura 02: Imagens da Abertura da Cerimônia dos Jogos Olímpicos Rio 2016

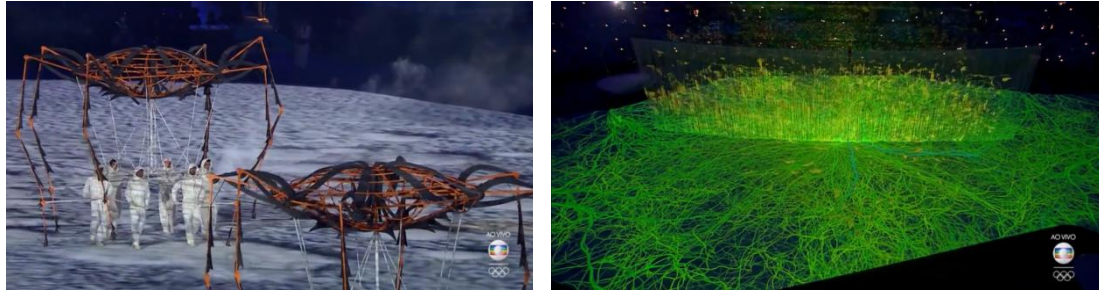


Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

Ainda no início da cerimônia é feita mais uma menção à área ambiental com a transformação do símbolo da paz em um símbolo com a forma de uma árvore, unificando a paz com a necessidade da preservação das matas e das árvores. Após a execução do hino nacional brasileiro com a participação de alguns atletas começasse a contar a história do mundo com uma tempestade no mar e imagens de microorganismos, bactérias, criaturas e as primeiras florestas, ou pindoramas, que significa Terra das

Palmeiras, em tupi guarani, representando que o território brasileiro era coberto por uma densa floresta.

Figura 03: Primeiros seres da Terra



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

Na sequência entram os primeiros povos da floresta, representados pelos dançarinos da festa de Parintins, que ao som de tambores formam três ocas para representar o surgimento da vida indígena, começando a contar a história da formação do povo brasileiro com a chegada dos portugueses, africanos, árabes e japoneses.

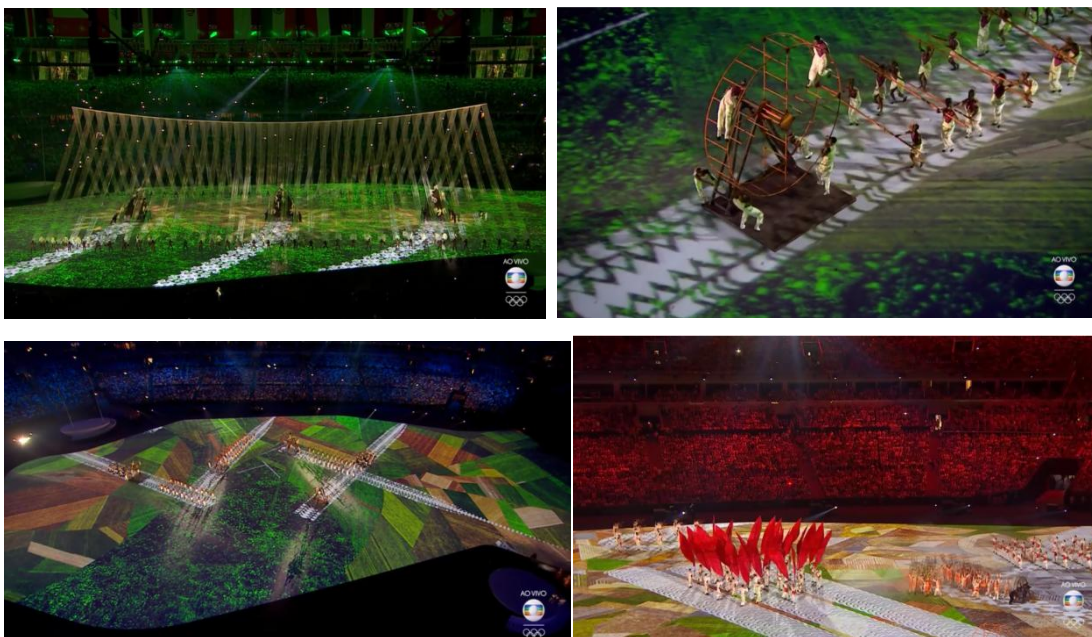
Figura 04: Ocas representando os índios do Brasil



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

A chegada dos portugueses é representada pelas três caravelas e pelo rastro que eles deixaram cortando a floresta e criando uma geometrização. Os negros representaram a economia do Brasil, formada pela mão de obra escrava, a força de trabalho e a diversidade do povo brasileiro que dá início à transformação da floresta em plantações. Os libaneses chegam para ajudar o Brasil com suas práticas de comercialização e os japoneses auxiliam na reorganização da paisagem ampliando a diversidade cultural no país.

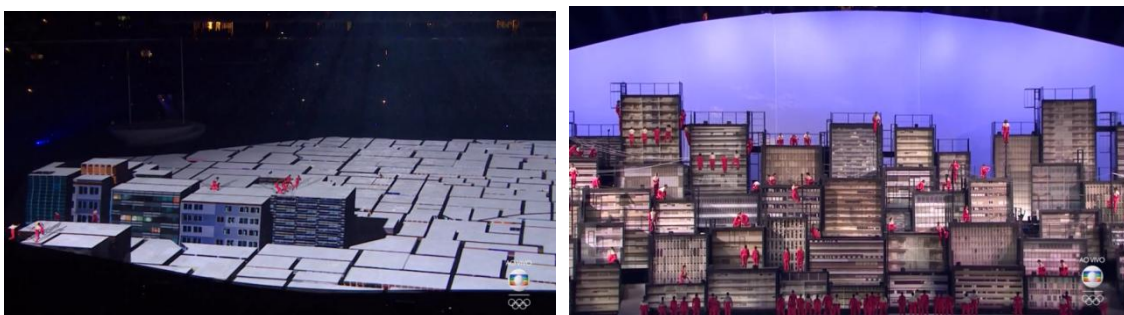
Figura 05: Chegada dos Portugueses, Africanos, Libaneses e Japoneses



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

Neste momento as matas começam a desaparecer dando espaço para as metrópoles com a construção das cidades que é finalizada com um voo do 14 Bis pela cidade do Rio de Janeiro, enfatizando novamente a paisagem da capital carioca.

Figura 06: Construção das cidades



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

Ao som da Bossa Nova, Garota de Ipanema, Gisele Bündchen desfila representando a beleza da mulher brasileira. Ludimila e Elza Soares trazem a mulher negra e o funk como uma das representações do carioca, em especial de quem vive nas favelas, e que, apesar de todas as adversidades, leva a vida de maneira alegre. Zeca pagodinho e Marcelo D2 apresentam a variedade da música brasileira com uma mistura de samba e rap e MC Soffia e Karol Conka, com imagens de capoeiristas, representam o empoderamento da mulher na sociedade.

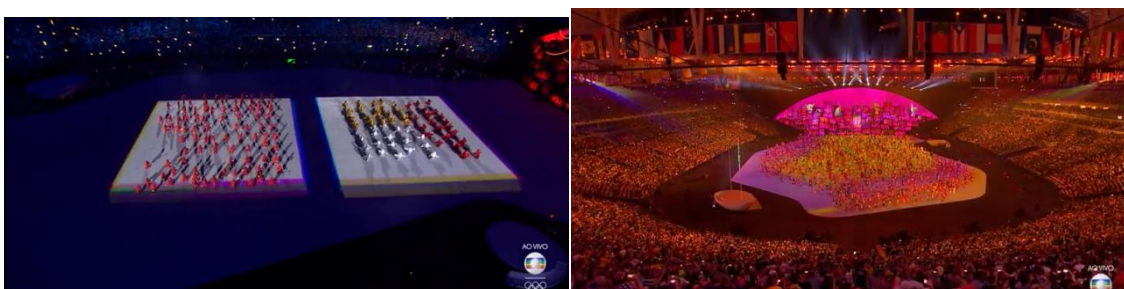
Figura 07: A diversidade das músicas e mulheres brasileiras



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

O pop é apresentado pelas disputas que são base de festas populares no Brasil, heranças de tradições medievais dos ancestrais europeus, que foram reproduzidas pelo folclore brasileiro. Os bati bolas, uma tradição do carnaval, o maracatu o treme-treme e o bumba meu boi demonstraram as danças regionais brasileiras. Regina Casé interrompe a encenação da disputa para falar sobre a busca de semelhanças e a celebração das diferenças apresentando Jorge Ben Jor, que ao cantar “País Tropical”, transforma o palco em um grande baile.

Figura 08: As danças e festas brasileiras



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

A festa é interrompida com a entrada de um menino negro trazendo uma notícia para o mundo, ou seja, o problema do aquecimento global. Durante cerca de setes minutos a temática ambiental foi abordada na Cerimônia de Abertura.

Figura 09: Os impactos do aquecimento global



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

Inicialmente o menino aparece em um labirinto de espelhos e imagens sobre o aquecimento global e o derretimento das geleiras são apresentadas para explicar o quanto o homem tem impactado o meio ambiente. De acordo com Morel et al (2016, web), “a cerimônia tratou dos efeitos da poluição da atmosfera no ar do planeta, que tem como consequência o aquecimento global. Nos telões, foram mostrados os efeitos do aquecimento com a subida das marés, que inundaria as maiores cidades do mundo.”.

Quando o menino encontra uma muda de árvore inicia-se a declamação do poema “A Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade, Publicado em “A Rosa do Povo” (1945), em português e inglês, e imagens de plantas, pessoas plantando, árvores crescendo e se transformando em florestas são exibidas nos telões transmitindo a mensagem de que juntos é possível mudar esta realidade.

Figura 10: O menino com a muda de árvore e pessoas plantando sementes



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

Neste momento é feita a grande promessa de legado dos jogos olímpicos. Cada atleta plantaria uma semente que ficaria durante um ano em um viveiro, para depois ser replantada no parque radical de Deodoro criando a Floresta dos Atletas. Como explica Morel et al (2016, web) “cada um dos atletas recebeu uma semente de uma árvore nativa do Brasil. (...) 11 mil sementes serão plantadas no Parque Radical de Deodoro. Serão 207 espécies diferentes representando cada delegação.”.

Figura 11: Suportes para plantação das sementes formando a marca dos Jogos Olímpicos



Fonte: Olympic Chanel (2016, web)

Na sequência inicia-se a entrada das comitivas dos países e os discursos do presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, do presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman e do presidente do Comitê Olímpico do Quênia, Kipchoge Keino. Em meio a vaias e com uma fala de apenas 4 segundos Michel Temer, presidente em exercício do Brasil na época, declarou que os Jogos Olímpicos Rio 2016 estavam abertos. A cerimônia seguiu com a entrada da bandeira olímpica, a execução do hino olímpico e o juramento olímpico. Novamente a música brasileira é retratada pela apresentação de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Anitta, com a canção “Isto aqui o que é?”, de João Gilberto, e a entrada das baterias das escolas de samba do Rio de Janeiro. A cerimônia foi finalizada com a entrada de Gustavo Kuerten trazendo a chama olímpica, que passou pelas mãos de atletas conhecidos até chegar ao medalhista Vanderlei Cordeiro de Lima que acendeu a pira olímpica.

Em meio a um show de fogos e uma sensação de missão cumprida o Brasil fez seu espetáculo para o mundo e assumiu seu compromisso com a sustentabilidade.

5. Considerações Finais

Com base na análise do conteúdo da transmissão da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 foi possível identificar que o Comitê Olímpico utilizou os conceitos de sustentabilidade embasado no modelo do *Triple Bottom Line*, o qual aponta que para uma empresa ser considerada sustentável ela precisa realizar ações e investimentos nas áreas social (People), ambiental (Planet) e econômica (Profit).

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 retratou a área econômica através da gambiarra, do jeitinho brasileiro de se fazer as coisas, do crescimento das cidades e da aviação, pode-se apontar que os recursos usados durante as

apresentações evidenciaram esta capacidade de se fazer mais com menos, de improvisar e de usar a criatividade, principalmente, em momentos de crise econômica, como a que o país enfrentava naquele momento.

A área social foi representada pela diversidade do povo brasileiro. Pelos índios e seus colonizadores portugueses, pelos africanos, que escravizados ajudaram a transformar as terras brasileiras, pelos libaneses e japoneses, que por meio de suas práticas comerciais e costumes auxiliaram no desenvolvimento social e cultural do Brasil. Também foi representada pela mulher brasileira, que mesmo com traços europeus é símbolo de beleza no mundo todo, e pela mulher negra em busca de empoderamento feminino. As favelas foram retratadas de forma alegre, embora a realidade não seja assim tão bela. O folclore e a música estiveram presentes com a bossa nova, o funk, o samba, o rap, o bati bolas, o maracatu o treme-treme e o bumba meu boi, mas ainda está longe de transmitir o quão vasta é a cultura e a música popular brasileira.

De todas as mensagens transmitidas durante a abertura dos jogos a área ambiental foi a que teve mais destaque e ocupou o maior tempo de exibição na cerimônia. Foi evidenciada com a criação do mundo, as belezas naturais da capital carioca, o aquecimento global e suas consequências, a plantação das sementes e a promessa da Floresta dos Atletas. A preocupação com o meio ambiente pode ser considerada o ponto principal de toda a temática da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos, pois foi apresentada de forma explícita para o mundo, não deixando dúvidas em relação à mensagem que se queria transmitir, sendo reforçada com a principal promessa de legado do megaevento, a criação da Floresta dos Atletas.

Contudo, passados três anos da sua realização o que se vê é que as promessas não passaram de promessas, a floresta não passou de um sonho e a sustentabilidade não passou de uma estratégia utilizada para criar a ilusão de que valia a pena realizar tantos esforços e investimentos para organizar os Jogos Olímpicos no Brasil.

6. Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Desenvolvimento sustentável, valores éticos e visões de mundo.** Valor Econômico. 2015. Disponível em <http://ricardoabramovay.com/desenvolvimento-sustentavel-valores-eticos-e-visoes-de-mundo/> Acesso em 22 jun 2018.

BARBIERI, José Carlos. CAJAZEIRA, Jorge Emanuel Reis. **Responsabilidade social e empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática.** São Paulo: Saraiva, 2009.

BARRY, C. Field; **Introdução à Economia do Meio Ambiente**. Mc Graw Hill Education, 2006.

BOAS, Sergio Vilas (Org.). **Formação & informação ambiental**. São Paulo: Summus, 2004.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BUENO, Wilson da Costa. **A Comunicação Empresarial Estratégica: Definindo os Contornos de um Conceito**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 7, p. 11-20, jan./jun. 2005.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial e sustentabilidade**. Barueri, SP : Manole, 2015. --(Série comunicação empresarial) Vários autores.

CALDAS, José Castro, **A Economia Moral da Dívida**, in Ana C. Santos (org.), **Famílias Endividadas - Uma abordagem de economia política e comportamental**. Coimbra: Almedina, 2015.

COB, Comitê Olímpico Brasileiro. **Revista Abraça Sustentabilidade**. Rio de Janeiro, 2015.

ELKINGTON, John. **Cannibals with forks: the triple bootm line of 21 st century business**. Capstone, 1997, 1ª. Edição, 461p.

FEIL, A.A.; SCHREIBER, D. **Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados**. Cad. EBAPE.BR, v. 14, nº 3, Artigo 7, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S167939512017000300667&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em 22 jun 2018.

FONSECA, Igor Ferraz; BURSZTYN, Marcel. **A banalização da sustentabilidade: ...** Soc. estado. [online]. 2009, vol.24, n.1, pp.17-46. ISSN 0102-6992.

JACOBI, Pedro Roberto. **Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo**. São Paulo: Annablume, 1999. 191p.

MIKHAILOVA, Irina. **Sustentabilidade: Evolução dos Conceitos Teóricos e os Problemas da Mensuração Prática**. Revista Economia e Desenvolvimento, nº 16, 2004. Disponível em: http://w3.ufsm.br/depcie/arquivos/artigo/ii_sustentabilidade.pdf Acesso em 09 jun 2018.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **Trajatória da Sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico**. Estudos Avançados 26 (74), 2012.

OLYMPIC CHANEL, **Cerimônia de Abertura do Rio 2016 Completa - Jogos Olímpicos Rio 2016**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_qXm9HY9Ro&vl=pt-BR Acesso em 22 jun 2018.